

Editorial*Economia - Brasil*

O pior já passou

Os indicadores setoriais dos países industrializados estão mostrando claramente que o pior da recessão mundial já passou. Agora, as melhorias serão cada vez mais evidentes, maiores, gradativas e aceleradas, encadeadas. Os principais analistas econômicos estão cada vez mais satisfeitos. A demanda em crescimento, em países como os Estados Unidos, Japão e Alemanha Federal, já está incentivando as compras de «commodities» e manufaturados junto aos países em desenvolvimento. O que está para acontecer, daqui por diante, em termos econômicos, será sempre melhor do que o que passou.

E bom que essa realidade nova seja analisada pelos brasileiros, uma vez que fomos um dos maiores prejudicados pelo desajustamento da economia mundial. Estivemos muito perto do colapso, a economia afetando o social e o político. Poucos países mergulharam numa situação tão cheia de dificuldades como o nosso, mas conseguimos, felizmente, sair, para agora enfrentar o melhor. Os quatro mais graves problemas nacionais — inflação, dependência energética, desequilíbrio das contas externas e o desemprego — estarão em breve minimizados.

As medidas contra a inflação já começam a mostrar seus efeitos. As pressões dos preços no atacado já estão declinantes, sendo previsível que ao longo do primeiro trimestre do próximo ano teremos bem visível a queda nos custos dos alimentos. Os preços declinarão não apenas por existir um elenco de medidas antiinflacionárias, mas também porque a próxima safra agrícola será expressiva, uma das maiores de todos os tempos, gerando abundância de produtos fundamentais, de grãos como o milho, o arroz, o feijão, a soja e outros, e mais leite e derivados, carnes e matérias-primas industriais.

O deslanche do nosso país será sentido por toda a sociedade brasileira a partir do momento em que a próxima safra agrícola

começar a ser comercializada, saindo da área de produção para os armazéns dos grandes atacadistas. A reação posterior do varejo será uma só, de maior oferta a preços declinantes, em acordo com as pressões do consumo. Cairão também os preços pagos pelas matérias-primas agrícolas, o que se refletirá semanas depois nos preços de varejo de alimentos industrializados como o óleo de soja. Tudo faz prever um segundo semestre de 1984 muito diferente do que foi experimentado pela sociedade brasileira ao longo dos últimos anos.

Quando o nível de emprego urbano começar a crescer, o que previsivelmente vai acontecer às vésperas do último trimestre do ano que vem, a família brasileira voltará a experimentar a tranquilidade econômica que conheceu, que sabe ser uma conquista natural das economias de mercado. Só o que temos a fazer, agora, é continuar a trabalhar, porque a produtividade é fundamental para que essas conquistas sejam consolidadas. Vale aqui ressaltar que todas as conquistas sociais, como a que vislumbramos, pertencem a seus artifícies, a sociedade como um todo. Daí o porque temos todos nós, a sociedade brasileira, de buscar a fundamental eficiência.

Esse esforço é imprescindível não apenas para que consigamos participar da superação da crise econômica que nos ameaçou, mas também para nos permitir futuras conquistas, a exemplo do que foi feito por outros povos, quando de situações análogas à nossa. Se nos destinamos a ser uma sociedade com um padrão de vida cada vez melhor, teremos de produzir melhor, em maior quantidade e de melhor qualidade, o que só é possível conseguir com esforço conjunto da sociedade brasileira. E feito isso, teremos todos entendido que uma crise só se vence com muito denodo e otimismo, muito esforço e confiança no futuro.